

PERCORRENDO OS CANTOS DA MEMÓRIA: POESIA, NARRATIVA E COTIDIANO

Lílian de Oliveira Rodrigues¹

Resumo:

Este trabalho visa discutir algumas questões sobre a relação entre a cultura popular e as experiências pessoais dos indivíduos que participam dessas práticas culturais, pretendendo mostrar como literatura e a história de vida se entrelaçam em discursos que marcam uma identidade cultural. O estudo se detém na análise do relato pessoal de Militana Salustino do Nascimento – nome de registro pelo qual essa senhora, cantadora de romances de São Gonçalo do Amarante - RN, é conhecida no cenário cultural do país – ou simplesmente de D. Maria José – nome pelo qual a artista é conhecida em seu espaço comunitário. Através da metodologia da história de vida, utilizando-se a técnica da entrevista foi possível conhecer D. Maria José. A reflexão sobre os conceitos de *memória*, *narrativa* e *oralidade* nos permitiu perceber a relação existente entre os versos que ela canta e o relato pessoal de sua história. A análise realizada possibilitou compreender o universo de D. Maria José a partir dos múltiplos discursos inerentes às práticas populares.

Palavras-chave: Literatura popular. Cultura popular. História de vida. Memória.

Abstract

This work aims at discussing some issues concerning the relationship between popular culture and the personal experience of an individual who partake in such cultural practices, intending to show how culture and life history intermingle into discourses that mark cultural identity. The study lingers upon the analysis of the personal account of Militana Salustino do Nascimento – record name by which this lady, a romance singer from São Gonçalo do Amarante-RN, is known in the national cultural scenario – or simply D. Maria José – name by which the artist is known in her community. Though life history methodology, using interviewing techniques, it was possible to know D. Maria José. The discussion of the concepts of *memory*, *narrative* and *orality* has permitted to perceive the existing relationship between the lines she sings and the personal account of her history. The analysis conducted made possible to understand the universe of D. Maria José, starting from the multiple discourses inherent to the popular practices.

Keywords: Popular literature. Popular culture. Life history. Memory.

O caminho para perceber o complexo de relações que envolve as práticas populares requer puxar os fios que enovelam a caudalosa mistura daquilo que o povo produz no trabalho e na vida como forma específica de representação do mundo. Pensar na preservação das tradições populares é muito mais do que “guardar” objetos, cantos, danças, textos e festas. É preciso se perguntar o que é hoje a cultura popular, quais os problemas que se colocam na sua produção e execução e quais as relações que se estabelecem quando diversas culturas se defrontam. Para obtermos essas respostas, necessitamos voltar nosso olhar para aqueles que se

¹ Doutora em Letras pela UFPB, Professora da área de Literatura da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, e-mail: rodrigueslilian@yahoo.com.br.

representam através dessa cultura. É nesse território onde se constituirão para nós os contrastes e as relações que mantêm essa cultura viva e presente.

Acreditamos na posição que define a cultura popular como conjunto de significados vivos que estão em contínuo processo de modificação, existindo como um elemento indissociável da vida das pessoas que dela compartilham. As práticas culturais por elas exercidas não se reduzem a objetos culturais a serem colecionados, mas são produtos significantes de sua atividade social e desse modo é que essas práticas articulam-se na esfera do social e do político.

Por essa ótica, acreditamos ser impossível estudar essas relações sem considerar a voz deste indivíduo que participa da produção de bens culturais, considerando que ele é um sujeito agente na comunidade a qual pertence, reproduzindo nela sua visão própria de mundo, seu estilo, e suas impressões, mesmo lidando com atividades que carregam o peso de uma tradição distante de sua realidade.

Nesta perspectiva tentamos ver personagem de nossa pesquisa. Apesar de ser reconhecida no meio cultural pelo nome de D. Militana, a cantadora de versos do município de São Gonçalo do Amarante é chamada de D. Maria José por si mesma e pelas pessoas da comunidade onde nasceu e vive até hoje. Neste trabalho, pretendemos perceber o sentido que esses poemas narrativos têm para esse sujeito, já que acreditamos que o verso cantado, como produto cultural, é o resultado das relações que esse indivíduo mantém com a sociedade na qual se insere. Portanto para nós se fez necessário conhecê-la, e isto foi feito com uma série de entrevistas² a partir do método da história de vida. Para apreender o “canto” de D. Maria José, buscamos o caminho de sua memória. Para tanto, aprofundamos os sentidos para captar o teor da voz que se impõe acima da artista consagrada D. Militana, e deixar que surjam neste cenário a cadeia de elementos que permitem que seus versos se afirmem onde realmente existem: no cotidiano.

Do ponto de vista das experiências individuais, ao lembrar as histórias que compuseram sua vida, cada pessoa recorda não apenas o que fez, mas também o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. Ao dar a esse material mnemônico uma forma oral transmissível, o indivíduo o faz a partir da tessitura de uma narrativa em que revela suas experiências. Benjamin (1993, p. 221) reflete sobre se a relação entre a matéria da narração – a vida humana – e aquele que narra não poderia ser vista como uma relação

² O conjunto de relatos colhidos nestas entrevistas compõem o *corpus* da tese de nossa autoria, intitulada “A voz em canto: De Militana a Maria José, uma história de vida” e foram realizadas entre os anos de 2002 e 2005.

artesanal. Ele questiona: “não seria sua tarefa [a do narrador]³ trabalhar a matéria-prima da experiência – a sua e a dos outros – transformando-a num produto sólido, útil e único?”.

A questão apresentada nos faz pensar que, quando um indivíduo narra sua história, o material sobre o qual ele trabalha, artesanalmente, é a sua própria vida. É a ela que ele busca dar cor e forma, urdindo, em sua síntese, um sentido que transcenda a própria existência. A vida de D. Maria José é permeada por um universo poético representado pelos cantos e histórias herdados da tradição oral que a constitui. Nos relatos de sua vida, colhidos por nós nesta pesquisa, esse repertório se insere, de forma peculiar, na sua fala e intercala-se na construção de sua história de vida.

Ao debruçar o olhar sobre esse universo poético que constitui a vida da colaboradora deste trabalho, é possível pensar que ele proporciona um reordenamento do mundo a partir de elementos ligados à estrutura do texto literário. Caldas (1999) aproxima a forma de existência da memória da criação de um texto ficcional, na medida em que o ordenamento desses textos interiores é feito a partir de estratégias narrativas que integram à vivência palavras, temas, imagens, sonhos e desejos, interpenetrando-os numa única realidade.

Tendo por base essa estrutura poética, podemos acreditar que as histórias dos romances lidos e guardados na memória por D. Maria José deram suporte para ele construir a narrativa de sua vida com o tom épico característico dessas histórias. Assim, se a narrativa da vida de D. Maria José é um “romance”, ela, como protagonista, internalizou um personagem e, como diz Ciampa (1983) o homem só se presentifica como tal.

Se para contar sua história o narrador começa por identificar-se dizendo quem é e de onde veio, pode-se pensar que o início da história de D. Maria José é este:

D. MARIA JOSÉ – Eu nasci em barreiro, porque a sogra de mamãe, que era a minha avó, era quando eu nasci no dia 19 de março, dia de São José, por isso que eu digo ((recitando)): a maré tava de vazante e a lua tava de minguante. A lua cortou minha sina e a maré levou minha sorte e eu sou a mais sofredora do Rio Grande do Norte⁴. Aí disseram: [...]“e porque a senhora diz que foi a mais sofredora?” Eu disse: porque quando eu nasci, não havia roupa pra vestir, não havia pano pra me enxugar, não havia, não havia comer pra comer, eu me criei com papa de farinha bruta, mamãe pisava a farinha, peneirava numa meia e fazia comer pra mim, não fui criada com leite, nem com carne, nunca comi... Nunca comprou um dedal de leite pra mim. Sempre fui sem sorte, quando inventei de me casar, saí de casa com dois vestidos e uma rede emendada e um lençol emendado, tá vendo? Agora, hoje em dia eu tenho com que dormir, tenho a roupa pra sair, tenho pra vestir em casa. Posso até emprestar uma roupa a um que não tiver/...

³ Grifo meu.

⁴ Grifo meu.

D. MARIA JOSÉ – Eu digo assim: na era de vinte e cinco a dezenove de março às doze horas do dia, foi aí meu nascimento, a lua tava de minguante, a maré tava de vazante, aí ela disse, o que foi que teve a lua? Eu digo a lua cortou minha sina e a maré levou minha sorte. Eu digo, está falando a maior sofredora do Rio Grande do Norte.⁵ [...] de gente só tenho os olhos de cachorro.

Para contar a sua história, a narradora tem como introdução um verso criado por ela que a aproxima dos personagens dos folhetos. Na literatura, normalmente os heróis têm começos difíceis ou estranhos. O nascimento de D. Maria José é descrito a partir de uma conjunção de forças da natureza que conspiram contra sua sorte. Ela apresenta o infortúnio de sua vida como uma sina. Desde o momento em que nasceu, a narradora se sente usurpada. A maré vazante e a lua minguante são representações simbólicas ligadas ao enfraquecimento necessário antes da virtuosa mudança. Xidieh (1993) observou que, nas histórias populares, no nascimento do herói ou de uma pessoa predestinada a grandes coisas, a natureza e as situações rotineiras da existência são violentadas por acontecimentos fora do comum. No caso de D. Maria José, o que aconteceu fora do comum na natureza foi a conjunção do “enfraquecimento” do mar e da lua que anunciava uma vida de privações, na qual nada seria dado a esse sujeito e muito lhe seria tirado. As provações da heroína começam na hora do seu nascimento e exigirão dela a força e a bravura do herói para vencê-las. Em outras partes do relato, D. Maria José assume o formato do romance para anunciar sua história.

D. MARIA JOSÉ – Se eu for contar minha vida. (SILÊNCIO) *Minha vida é um romance, dizer eu sei que é duro, ((reelabora)) faz vergonha eu lhe dizer que no dia em eu nasci, não achei o que comer, e assim vou levando a vida do jeito que eu puder.*

Lílian – É Dona Maria, que bonito, agora essa foi a senhora que criou? cante ele de novo, tão bonito!

D. MARIA JOSÉ – ((Dona Maria reelabora)) *Se eu contar a minha vida /faz vergonha eu lhe dizer,/ no dia que eu nasci/ não achei o que comer,/... eu não digo mais não, você quer aprender.*

Lílian – Estou admirando, achando bonito. E por que eu não posso aprender?

D. MARIA JOSÉ – Quando eu nasci assim mamãe dizia chorando que não achou nem um paninho pra amarrar o imbigó, nunca comi uma colher de leite. Minha vida sempre foi muito sofrida. (SILÊNCIO)

⁵ Grifo meu.

Para continuar o romance de sua vida, D. Maria José precisa apresentar a força e a bravura da personagem. Para compor a personagem, ela sempre fala da faca que a acompanha e que está presente em muitas das suas histórias. A imagem da mulher que usa uma arma para se defender – dentro e, principalmente, fora de sua comunidade – delineia, no imaginário do ouvinte, a personagem que ela quer apresentar. A heroína não fala de algo divino ou santificado, mas sim da integração do humano em todos os aspectos e com todos os seus limites. Em sua história, D. Maria José, com suas falhas e imperfeições, permanece profunda e visivelmente humana; diante das dificuldades não se põe como vítima, mas como lutadora. Para ela, a coragem e a bravura são importantes qualidades. Lembramo-nos de uma passagem na qual ela fala de um canto que não gravou no CD *Cantares*⁶. Perguntamos-lhe o porquê. Ela desconversa e depois nos responde:

Lílian – Esse é especial, né?

D. MARIA JOSÉ – É, foi o coco da fome. Ele diz assim: ♪ *no ano de oitenta e um eu vou lhe contar o pior/ brigava a mãe com os filhos/ e os netos com os avós/ pro mode um mandacaru e batata de um potó [?] velha vamos embora, senão nós morre de fome.* ♪ Aí eu não cantei não! (SILÊNCIO)

Lílian – Ele era muito triste, não era?

D. MARIA JOSÉ – Hein?

Lílian – Ele era muito triste?

D. MARIA JOSÉ – Ele era valente, aí ele pegou um pano, foi na casa de não sei de quem e aí ela botou quatro litros de farinha, quatro rapaduras e quatro pares de bolachinhas. Aí o marido dela era safado, pegue cachaça pra ele num levar o que ela deu. Aí diz assim: ♪ *Seu Joca eu vou embora, “não Roberto, espera aí, para melhorar da bola, beba um quarteirão de Ani.”* ♪ A pessoa beber um quarteirão de cachaça, hein!?! Aí ele disse que quando tomou a aguardente, não sentou mais o pé no chão, aí quando bebeu a aguardente deu logo pra valentão, aí pegue cassete em gente.

Lílian – É cachaça tem isso, né?

D. MARIA JOSÉ – Aí pegue cassete em gente, ficou por detrás da porta, quem entrava ele derrubava. Aí ele disse que viu quando o inimigo dele, corre Janjão que

⁶ D. Militana gravou um tripla CD/ livro chamado *Cantares*. O disco foi lançado pelo Projeto Nação Potiguar, em 2002, e produzido em uma parceria entre a Fundação Hélio Galvão e o Scriptorin Candinha Bezerra. Com 54 cantos, nele estão reunidos romances, xácaras, modinhas, cocos, romarias, aboios, enfim uma grande variedade de gêneros relativos à literatura oral.

é Roberto! Aí quando o diabo do Janjão foi passando, ele meteu-lhe o reio e ele caiu do lado de fora. Aí mandaram eu cantar, mas eu não cantei não.

D. Maria José considera esse coco especial, talvez pela temática muito próxima de sua vida. No entanto, quando lhe perguntamos se considera a história triste, ela retruca-nos dizendo que o personagem é valente, ou seja, tal qual ela, ele é aquele que se comporta diante do obstáculo – a fome –, enfrentando a situação. Não posso afirmar o motivo pelo qual ela escolheu não cantar, mas são notórios a identificação e o apreço que D. Maria José tem por esse canto.

No caldo derivado da memória, os relatos da colaboradora da pesquisa refazem a trajetória de muitas histórias como essa que remontam uma vida extremamente sacrificada enfrentada com muita coragem. Neles, pôde-se entrever, em meio à narrativa, aquilo que é ressaltado pela entrevistada. D. Maria José salienta, nitidamente, a sua enorme capacidade de reação às adversidades, materializada em sua coragem diante da vida. É possível perceber essa coragem na repetição constante de algumas histórias nas entrevistas como, por exemplo, a história da vaca que foi morta por ela, quando criança; a história de como lutou, quase de igual para igual, com Chico, o homem que atacou sua irmã, Maria Bune, e que ela feriu mortalmente; a história da maneira como sozinha construiu a sua casa e criou seus filhos; a briga dos tios em Santo Antônio, durante duas horas, na qual “o sangue fazia chinelo nos pés”, comprovando a descendência de gente brava e a história da morte das várias pessoas de quem cuidou nos instantes finais de suas vidas. Ao compararem os relatos desta pesquisa percebe-se que essas histórias são narradas quase com as mesmas palavras.

Essa repetição das histórias é um recurso que diz muito do significado delas no contexto geral da vida de D. Maria José. Segundo Pollack (1989, p. 8), quando se trabalha com histórias de vida e o entrevistado volta diversas vezes a um número restrito de acontecimentos (seja por iniciativa própria, seja provocado pelo entrevistador), ali está um núcleo resistente que se revela como fio condutor dessa história de vida. Essa característica sugere que toda história de vida deve ser considerada como “instrumento de reconstrução da identidade”. Assim, a história de vida ordena acontecimentos que balizaram uma existência, e através desse trabalho de reconstrução de si mesmo é que o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros.

Para definir o perfil da heroína “D. Maria José”, a narradora precisa da voz dos outros personagens que estiveram presentes em sua vida. Os personagens estão envolvidos uns nos outros, não apenas porque deságuam numa narrativa comum, mas porque eles precisam uns dos fios dos outros para poder haver um desfecho, e, assim, um sentido. Ao narrar as histórias

dos outros, entremeando-as às suas, D. Maria José aproxima-se da narrativa das histórias de *As mil e uma noites*, na qual a história da vida de cada personagem desdobra-se na vida de outros com quem eles contracenam, entretecendo não uma estória única, mas uma trama de histórias desdobradas.

Entre os muitos cantos que estão guardados na memória de D. Maria José e povoam o seu mundo imaginário, pude perceber que ela tem uma preferência especial pelo “verso de Marina”, como ela chama, ou *O Romance de Alonso e Marina* ou *A força do Amor*, como é conhecido.

O folheto *A força do amor (Alonso e Marina)* (MEDEIROS, 2002) foi publicado entre 1910 e 1912, por Leandro Gomes de Barros. Conta a história da heroína Marina, que, filha de um barão e órfã de mãe, vê sua vida sentimental perturbada pela proibição da união matrimonial com um rapaz pobre, a quem, sem conhecimento do pai, dá condições de estudo. Ela é uma moça determinada, capaz de sugerir ao amado as atitudes a tomar. Alonso é digno e a ela reverente. Um certo dia, incentivado por Marina, o rapaz toma coragem e a pede em casamento. O pai da moça sente-se ofendido e determina a prisão do rapaz, que é solto por Marina por meio de suborno do carcereiro. A moça manda o namorado ao Japão, para que enriqueça com o trabalho, imaginando que seu pai pudesse, no futuro, ser seduzido pelo dinheiro. Logo depois, surgem para ela duas propostas de casamento, recebidas com entusiasmo pelo barão e com repulsa por parte de Marina. A primeira parte de um rapaz rico, logo descoberto como assassino e ladrão, o que a livra do compromisso sem maiores problemas. Porém, a seguir, um primo a pede em casamento, ao que Marina demonstra seu repúdio, jurando-o de morte. Não dando o primo atenção às palavras de Marina, é morto por ela no altar. Desejando vingar o noivo, o irmão dele investe contra a Marina, e também é morto. Ela é presa, mas consegue comunicar-se com Alonso, que já está rico. Este vem buscá-la, verificando sinais de declínio financeiro do pai repressor (o carcereiro não recebia salário, tendo trabalhado durante seis meses). A fuga do casal para o Japão é descrita como uma verdadeira batalha naval –, na verdade duas! – das quais o barão retorna completamente empobrecido. No final, ele é perdoado, porém Alonso é morto por um primo (o irmão que restara do noivo assassinado) de Marina.

Na penúltima estrofe do romance, é mencionada a morte do personagem Alonso, o herói, mesmo após serem apaziguados os conflitos inerentes à estrutura do romance popular – o casal supera as dificuldades e vence a figura repressora. Não existe menção à reação de Marina, a heroína. Nesse romance, o fio condutor da narrativa é a impossibilidade de realização amorosa, a fuga do rapaz, a adversidade pela qual a moça passa e o crime

cometido, a perseguição superada, a felicidade alcançada, a vingança pelo duplo assassinato e a nova vingança.

Dentro dos relatos, esse romance é narrado por D. Maria José em vários momentos. D. Maria José sempre se referiu ao romance com uma admiração especial pela protagonista da história. Ela deixa transparecer na sua fala que se identifica com a personagem Marina. Tal qual a protagonista, D. Maria José, em sua história, também é a heroína que combate o mundo masculino com força e bravura. D. Maria José é uma mulher que, após ser abandonada pelo marido, cria seus filhos com a força de seu trabalho. Enquanto filha, esposa e cidadã, dentro de suas possibilidades, jamais se submete às imposições que o mundo masculino lhe impõe. O romance de Marina e Alonso apresenta essa transgressão aos modelos de família patriarcal. É o pai quem detém o poder, podendo decidir até mesmo a vida ou a morte da filha. No imaginário da narradora, Maria José e Marina são personagens que representam a mulher brava e corajosa, que, em meio à sociedade patriarcal, tem voz e identidade.

É interessante notar o alinhavo que leva uma história à outra. No relato a seguir, para chegar à história do romance, D. Maria José começa falando da faca que levou escondida para a cidade de São Paulo, com o intuito de se proteger. Eu comento sobre a dificuldade da vida para as mulheres e meu comentário faz D. Maria José lembrar a história de Maria Doida, mulher que cortou os genitais de um homem que tentou atacá-la, matando-o em seguida. A história é contada ela justificando e aprovando o ato da moça. Essa história traz a narradora para o mundo imaginário do romance *A força do Amor*. D. Maria José conta a história do romance e eu pergunto:

D. MARIA JOSÉ – Mulher forte era Marina. Marina, o pai dela foi prendeu, mandou butar Alonso na cadeia por que ele pediu a mão dela e disse pra não levar comida pra ele. Aí chamou ela, “*você deu confiança a um bandido que agora mim envergonhou?*” [...]

Lílian – Marina era parecida com a senhora, num era? [...]

D. MARIA JOSÉ – Era nada. Eu não tinha essa coragem de matar ninguém queimado não.

Lílian – Uma lutadora. Todas essas suas histórias. Já prestou atenção, que são de mulheres fortes? [...]

D. MARIA JOSÉ – Porque a gente não deve ser morta dentro da saia, não. Muito embora que às vezes se cague de medo. ((risos)) O que se faz já tá feito, não tem mais jeito. (SILÊNCIO) [...]

D. MARIA JOSÉ – Marina é que nem eu, ninguém me engana com um olho, não! Sou besta não!

A outra menção que é feita a esse mesmo texto inicia com uma conversa sobre como D. Maria José aprendeu os romances e como – seja através da criação do ritmo ou dos versos – ela interfere na composição desses textos. Em um certo momento, ela afirma que o verso mais difícil de aprender é o de Marina. Quando questionada sobre o porquê, a narradora começa a falar da bravura da heroína. Após uma breve recusa, D. Maria José conta a história e depois, apresenta a sua opinião sobre a história e a relação dela com sua vida:

Lílian – É bonita a história, Dona Maria.

D.MARIA JOSÉ – É toda de sofrimento.

Lílian – É. Marina é uma mulher muito forte, né?

D.MARIA JOSÉ – É. Muito forte. Eu gosto dela. Aí mamãe... Comadre Elba teve um menino e ia mandar botar o menino na areia do rio. Aí eu cheguei e disse: mamãe?/... Que a casa dela era mesmo aqui, perto da minha casa, como aquela de lá. [...]

Lílian – Hum, hum!

D.MARIA JOSÉ – Aí tia Cantu: “minha filha não faça isso, não.” Que ela era neta da minha tia. “Faça isso não.” Mais tarde... “mais eu não vou criar”, o bichinho tão alvinho! ... aí mamãe chegou e disse: “Elba, tu vai botar o menino no mato?” “Se não botarem ele no mato ou na areia do rio, eu mato ele.” Mamãe disse: “não mata, não! Me dá.” Aí ela disse: “pode levar.” Aí mamãe levou pra casa. Mamãe tinha Marina, aí botou o nome do menino de Alonso.

Lílian – Ai! Que bonito!

D.MARIA JOSÉ – Quando o menino tava com oito meses, morreu dessa grossura. Mamãe chorou, quando o menino morreu!

Lílian – Quer dizer que o nome de Marina... Você tinha uma irmã que chamava Marina?

D.MARIA JOSÉ – Minha irmã? É minha filha!

Lílian – Não, mas não foi sua mãe que tinha Marina?

D.MARIA JOSÉ – Mas, mamãe não tinha Marina, que era neta dela?

Lílian – Ah! Sua filha, entendi!

D.MARIA JOSÉ – Aí, ela vivia mais com Marina, do que mesmo eu.

Lílian – E a senhora botou o nome de sua filha de Marina, por causa dessa história?

D.MARIA JOSÉ – Foi.

Para mim, essa passagem sintetiza talvez o que pretendemos mostrar ao longo deste trabalho. Os cantos guardados na memória dessa mulher não estão lá cristalizados. Mais do que textos recordados, o universo poético que os compõe habita a existência de D. Maria José. Candido (2002), quando se refere aos estudos das manifestações literárias orais, ressalta que, para entendê-las, é preciso não perder de vista a sua integridade estética, distinguindo, como na literatura escrita, a função total, a função social e a função ideológica. A função total deriva da elaboração de um sistema simbólico responsável por transmitir uma certa visão de mundo. A função social abrange o papel que a obra desempenha no estabelecimento de “relações sociais, na satisfação de necessidades espirituais e materiais, na manutenção ou mudança de uma certa ordem na sociedade” (CANDIDO, 2002, p. 46). Entre outros dons que tem, D. Maria José canta histórias. Elas são tiradas do espaço em ebulição de sua memória e vêm contagiadas pela substância de sua vida. E a vida de D. Maria José, como qualquer outra, está repleta de bons e maus momentos, de fatos trágicos, cômicos e dramáticos, da sua história e da de seus antepassados. Quando canta seus versos, ela fala em seu nome e em nome de todos os seus: sua tradição, seu povo, sua realidade. E é essa mesma realidade experimentada que permite a ela encontrar sentido para a sua poesia.

Referências Bibliográficas

AYALA, M; AYALA, M. I. N. *Cultura popular no Brasil; perspectivas de análise*. São Paulo: Ática, 1987.

AYALA, M. I. N. *O conto popular: um fazer dentro da vida*. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA, 4, São Paulo, 1989. Anais... São Paulo, USP, 1989.

_____. A cultura popular em uma perspectiva empenhada de análise. In: FERNANDES, F. A. G. (org.) *Oralidade e literatura: manifestações e abordagens no Brasil*. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2003. p. 81-113.

BENJAMIM, W. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. v. 1. Traduzido por Sérgio Paulo Rouanet. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 197-221.

BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

- CALDAS, A. L. *Oralidade: texto e história: para ler a história oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- CASCUDO, L. da C. *Vaqueiros e cantadores*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984a.
- _____. *Literatura oral no Brasil*. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984b.
- CIAMPA, A. da C. *A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- GARCIA CANCLINI, N. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- _____. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. São Paulo: EDUSP, 2003.
- HALL, S. Notas sobre a desconstrução do “popular”. In: _____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardiã Resende. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. p. 245-264.
- MEDEIROS, I. (Org.). *No reino da poesia sertaneja: antologia de Leandro Gomes de Barros*. João Pessoa: Idéia, 2002.
- ORTIZ, R. *Cultura popular: românticos e folcloristas*. São Paulo: Olho d’água, s/d.
- POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos históricos*, Vol. 02, nº03. Rio de Janeiro, 1989. p. 3-15.
- RODRIGUES, L. de O. *A voz em canto: de militana a Maria José, uma história de vida*. Tese (Doutorado em Letras) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.
- SARLO, B. Culturas populares velhas e novas. In: _____. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais ante a videocultura na Argentina*. 3. ed. Trad. Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2004. p. 99-122.
- THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. Trad. Rosaura Eicheberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- XIDIEH, O. E. *Narrativas populares: estórias de Nosso Senhor Jesus Cristo e mais São Pedro andando pelo mundo*. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.